

# O Quarto Mandamento

Arthur W. Pink

Tradução: Claudino Batista Marra  
Revisão: Felipe Sabino de Araújo Neto

“Lembra-te do dia de Sábado (*Shabbath*),<sup>1</sup> para santificá-lo. Trabalharás seis dias e neles farás todos os seus trabalhos, mas o sétimo dia é o Sábado (*Shabbath*) dedicado ao SENHOR, teu Deus, nesse dia não farás trabalho algum” (Ex 20:8-10). Esse mandamento denota que Deus é o SENHOR soberano do *nosso tempo*, o qual deve ser usado e aproveitado por nós exatamente como Ele aqui especificou. Deve ser cuidadosamente notado que ele consiste de *duas* partes, que estão interligadas. “Seis dias *trabalharás* (e não ‘poderás trabalhar’)” é tão divinamente exigido de nós quanto “lembra-te do dia do *Shabbath* para o santificares”. É um preceito que requer de nós diligência para cumprir aquela vocação e estado de vida na qual a divina providência nos colocou, para desempenhar seus ofícios com cuidado e consciência. A vontade revelada de Deus é que o homem trabalhe, não passe o seu tempo a toa; que ele trabalhe não cinco dias na semana (por isso organizou o trabalho antes agitado), mas *seis*.

Aquele que nunca trabalha está incapacitado para a adoração. O trabalho serve para abrir caminho para a adoração, assim como a adoração nos prepara para o trabalho. O fato que qualquer homem possa escapar à observância desta primeira metade do mandamento é uma triste reflexão sobre a nossa ordem social moderna, e mostra quão longe nos distanciamos do plano e ideal divino. Quanto mais diligentes e fiéis formos ao desempenhar os deveres dos seis dias, mais valorizaremos o descanso do sétimo. Assim será visto que a indicação do *Shabbath* não foi qualquer restrição arbitrária sobre a liberdade do homem, mas uma provisão misericordiosa para o seu bem: que ele foi planejado como um dia de alegria e não de melancolia. É a dispensa graciosa do Criador nos livrando da nossa vida de labuta mundana por um dia em sete, concedendo-nos um antegozo daquela vida futura e melhor diante da qual a presente não é mais que uma provação, quando podemos nos voltar inteiramente daquilo que é material para aquilo que é espiritual e, portanto, sermos equipados para pegar com nova consagração e renovadas energias o trabalho dos dias seguintes.

Deveria ser assim bastante evidente que essa lei para regulamentação do tempo do homem não era uma lei temporária, criada para alguma dispensação, mas é contínua e perpétua no propósito de Deus: o *Shabbath* foi feito “para o *homem*”

---

<sup>1</sup> *Shabbath* (hebraico) significa “descanso do labor”. Essa é a palavra que é traduzida como sábado no Antigo Testamento, nas nossas versões da Bíblia em português (por exemplo, Ex. 16:23, 25, 26, 29; Ex. 20:8, 10, 11; Ex. 31:14-16, etc.). A versão do autor traz o original *Shabbath* ao invés de *Saturday* (sábado em inglês), evitando assim possíveis confusões por parte do leitor. (N. do R.)

(Marcos 2:27) e não simplesmente para o judeu; ele foi feito para o bem do homem. O que foi mostrado acima sobre as duas partes desse estatuto divino recebe clara e irrefutável confirmação na razão dada para o seu reforço: “pois em seis dias o SENHOR fez os céus e a terra, o mar e tudo que neles existe, mas no sétimo dia descansou” (v. 11). Observe bem o *duplo desdobramento* disso: o augusto Criador dignou-se em apresentar um exemplo diante de Suas criaturas em cada aspecto: ELE trabalhou por “seis dias”, e Ele “descansou no sétimo dia”! Dever-se-ia também ser apontado que a indicação do trabalho para o homem não é a consequência do pecado: *antes* da Queda, Deus o colocou “no jardim do Éden para  *cuidar dele e cultivá-lo*” (Gn. 2:15).

A permanente natureza ou perpetuidade desse duplo mandamento é também evidenciada pelo fato que nas razões acima mencionadas para seu reforço nada havia que fosse particularmente pertinente à nação de Israel, pelo contrário, fala com voz de trombeta a toda a raça humana. Além disso, a esse estatuto não foi dado um lugar na lei cerimonial de Israel, que era para ser deixada quando Cristo tivesse dado cumprimento aos seus tipos, mas na Lei Moral, que foi escrita pelos dedos do próprio Deus sobre tábuas de pedra, para nos dar o significado de sua natureza permanente. Finalmente, deve-se mostrar que os próprios termos desse mandamento deixam inequivocadamente claro que ele não foi designado somente para os judeus, pois era igualmente obrigatório para qualquer gentio que habitasse entre eles. Mesmo não estando eles em aliança com Deus, nem debaixo da lei cerimonial, deles era exigido que guardassem o santo *Shabbath* – não farás trabalho algum... *nem os estrangeiros* que morarem em suas cidades” (v. 10)!

“O sétimo dia é o *Shabbath* do SENHOR teu Deus”. Note bem que *não* é dito (aqui, ou em qualquer outro lugar das Escrituras) “o sétimo *dia da semana*”, mas simplesmente “o sétimo dia”, ou seja, o dia seguinte aos seis de trabalho. Para os judeus era o sétimo dia da semana, a saber, o sábado, mas para nós ele é – como o “outro dia” que Hebreus 4:8 claramente declara – o primeiro dia da semana, porque o *Shabbath* não apenas comemora a obra da criação, mas agora também celebra a ainda maior obra da redenção. Assim, o SENHOR dispôs as palavras nesse quarto mandamento de modo a se ajustarem a *ambas* as dispensações, e desse modo afirmar a sua perpetuidade. O *Shabbath* cristão vai da meia noite de sábado à meia noite de domingo: está claro a partir de João 20:1 que ele começa *antes* do nascer do sol e, portanto, podemos concluir que começa na meia noite de sábado; enquanto de João 20:19 aprendemos (a partir do fato que ele não é ali chamado “a noite do segundo dia”) que durante a noite, e que a nossa adoração também deve continuar.

Mas embora o *Shabbath* cristão não comece até a meia noite de sábado, a *nossa preparação para ele* deve começar mais cedo, ou de que outra maneira poderemos obedecer sua exigência expressa: “nele nem uma obra farás”? No *Shabbath* deve haver um completo descanso durante todo o dia, não apenas de recreações naturais e de fazer o nosso próprio prazer (Is 58:13), mas de toda a atividade mundana. A esposa necessita de um dia de descanso tanto quanto o marido, sim, sendo a “parte mais fraca”, ainda mais. Coisas tais como mingau e sopa podem ser preparadas no sábado e aquecidas no *Shabbath*, de modo que

possamos estar inteiramente livres para nos deleitarmos no SENHOR e nos entregar completamente à Sua adoração e serviço. Vejamos que não trabalhemos nem fiquemos acordados até tarde na noite de sábado, para não transgredirmos o dia do SENHOR ficando até tarde na cama ou nos fazendo de sonolentos para os santos deveres.

Esse mandamento deixa claro que Deus deve ser adorado *no lar*, o que, sem dúvida, inculca a prática do culto doméstico. Ele é dirigido mais especificamente que qualquer dos outros nove mandamentos aos chefes de famílias e empregadores, porque Deus requer que eles vejam que todos que estão sob seu encargo observem o *Shabbath*. Para eles, mais imediatamente Deus diz: “lembra-te do *Shabbath* para o santificares”. Ele é para ser estritamente posto de lado para a honra do Deus três vezes santo, gasto no exercício de santa contemplação, meditação e adoração. Porque é o dia que Ele fez (Sl. 118:24), não podemos fazer nada para desfazê-lo. Esse mandamento proíbe a omissão de qualquer dever exigido, um desempenho descuidado do mesmo, ou enfado neles. Quanto mais fielmente guardarmos *esse* mandamento, mais preparados estaremos para obedecer aos outros nove.

Três classes de trabalho, e somente três, podem se encaixar no “*Shabbath* Santo”. Trabalhos de *necessidade*, que são aqueles que não poderiam ter sido feitos no dia anterior e que não podem ser relegados para o dia seguinte – tais como cuidar do gado. Trabalhos de *misericórdia*, que são aqueles que a compaixão requer que desempenhemos para com outras criaturas – tais como ministrar aos doentes. Trabalhos de *pietade*, que são o culto a Deus em público e em privado. Precisamos vigiar e lutar contra as primeiríssimas sugestões de Satã para corromper os nossos corações, desviar as nossas mentes ou nos perturbar nos deveres sagrados, pedindo sinceramente em oração por ajuda para meditar sobre a palavra de Deus para reter o que Ele nos dá. O SENHOR faz a sagrada observância do Seu Dia de benção especial; e contrariamente, Ele visita a profanação do *Shabbath* com especial maldição (veja Ne. 13:17-18), como a nossa terra culpada está provando agora do seu amargo custo.

“Um *Shabbath* bem gasto, traz uma semana contente  
E fortalece para os labores do amanhã;  
Mas um *Shabbath* profanado, o que quer que possa ser ganho  
É um certo precursor de desgraça”.

**Fonte:** Extraído e traduzido do excelente livro *The Ten Commandments*, de Arthur Walkington Pink.